

BRANCA DE NEVE E O CAÇADOR: A PRINCESA DOS CONTOS INFANTIS SOB UMA NOVA ÓTICA

Autora: ALMEIDA, Ana Cristina Falcão
cristinaealisson@gmail.com¹

RESUMO

A prática de contar e ouvir histórias está presente na sociedade desde muito tempo. Os Contos de Fadas, especialmente, são narrativas que começaram a ser disseminadas quando apenas uma minoria da sociedade tinha acesso à escrita e eram contadas apenas através da oralidade. Contadas para crianças e adultos, os Contos de Fadas descreviam valores e comportamentos que serviam como modelo para a sociedade, considerando aspectos como a verdade, a moral e a ética. Ao longo do tempo, essas histórias clássicas passaram por inúmeras adaptações adequando-se à realidade do tempo em que estavam inseridas e ainda hoje continuam a perpetuar referências de conduta para a sociedade. Nesse trabalho, pretendemos investigar os novos valores atribuídos ao sujeito mulher na adaptação do Conto de Fadas clássico “Branca de Neve e os sete anões” dos Irmãos Grimm: *Branca de Neve e o caçador*, de Rupert Sanders (2012). A nova configuração em que é produzido o filme *Branca de Neve e o Caçador* mostra-nos uma jovem diligente que está encarregada de fazer justiça pelo seu povo que está sob o reinado maléfico da rainha Ravenna. Muitas passagens e acontecimentos do conto clássico são rerepresentados, mas sob uma nova ótica. Nosso trabalho fundamenta-se teoricamente na Análise de Discurso (AD) de linha francesa, mas especificamente nos estudos foucaultianos a cerca de discurso, saber, poder e verdade. Por ser a AD uma teoria interdisciplinar, além dos estudiosos desse campo como ORLANDI (2012), FOUCAULT (1996), INDURSKY (2011), PÊCHEUX (2009), autores de outros campos de conhecimento auxiliarão a pesquisa como TATAR (2004) e WARNER (1999). Pretendemos através dessa pesquisa, verificar o poder dessas histórias de disseminar os valores e os costumes, principalmente do sujeito mulher, presentes em nossa formação social e a importância dessas narrativas na cultura de um povo verificado pelo insistente retorno dessas histórias através das adaptações.

Palavras-chave: Branca de Neve. Adaptação. Sujeito-mulher.

¹ Aluna de mestrado no programa de pós-graduação em linguagem e ensino da Universidade Federal de Campina Grande. Trabalho desenvolvido a partir de projeto PIBIC 2013-2014.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho foi desenvolvido a partir do projeto de Iniciação Científica PIBIC, através do programa PIBIC/CNPq/UFCG intitulado: ENTRE A TRADIÇÃO E A TRADUÇÃO: NOVOS REGIMES DE VERDADE NA REATUALIZAÇÃO DOS CONTOS DE FADAS. O projeto teve como bolsista, eu Ana Cristina Falcão Almeida, e como orientadora a professora doutora Maria Angélica de Oliveira e teve vigência entre 2013 e 2014. A produção desse trabalho se deu pelo interesse de mostrar como os contos de fadas se consolidaram como narrativas marcantes capazes de influenciar no comportamento da sociedade. Neste trabalho, pretendemos fazer uma pequena análise do filme Branca de Neve e o Caçador – adaptação do conto clássico Branca de Neve e os sete anões, dos Irmão Grimm – buscando investigar que novos valores estão sendo atribuídos ao sujeito mulher por meio dessas narrativas que retratam de forma tão peculiar os costumes, crenças e cultura de uma época.

A maioria dos contos de fadas a que hoje temos acesso são originários da tradição oral e ao longo do tempo, assim como foram sofrendo modificações no enredo e nos personagens, também foram se alterando em suas formas de divulgação que ganharam a versão escrita, versão fílmica, etc. Uns dos primeiros autores a adaptar a história de “Branca de Neve” para a versão escrita foram os Irmãos Grimm ainda no século XIX.

Marcadas pelo encantamento e por toda a magia que as envolve, essas histórias refletem nossos medos, nossos vícios e de uma forma peculiar marcam nosso imaginário de forma que até hoje estão presentes em nosso meio refletindo e refratando a realidade. Atualmente nos deparamos com inúmeras reatualizações desses contos que refletem vontades de verdade presentes em nossa formação social, em nosso contexto sócio-histórico. Por reatualização Foucault (2001, p.284) compreende “a reinserção de um discurso em um domínio de generalização, de aplicação ou de transformação que é novo para ele”. Com o passar do tempo e a

evidente mudança de costumes, valores e crenças que definem uma época torna-se normal a adaptação dessas narrativas ao tempo em que estão inseridas.

Como nos afirma Tatar (2004) “Quer tenhamos ou não consciência disso, os contos de fadas modelaram códigos de comportamento e trajetórias de desenvolvimento, ao mesmo tempo em que nos forneceram termos com que pensar sobre o que acontece em nosso mundo.” (TATAR, 2004, p. 9). Dessa forma, podemos pensar como as reatualizações dos contos de fadas denunciam os valores que hoje estão arraigados em nossa sociedade. Um conto como “Branca de Neve e o Caçador” nos faz refletir sobre o papel que a mulher ocupa na sociedade de hoje e nos mostra a nova configuração sob a qual a mulher está sendo moldada. É um sujeito que com o passar do tempo sai do lugar de submissão e obediência às figuras masculinas de pai e de marido – comportamento valorizado na época de surgimento do conto – e ocupa um lugar de liderança e coragem – lugares prestigiados na modernidade.

À luz da Análise do Discurso de linha francesa, pretendemos verificar o poder dessas histórias de disseminar os valores e os costumes, principalmente do sujeito mulher, presentes em nossa formação social.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Tomando o texto como um enunciado, consideramos o contexto de produção em que ele se insere assim como as diferentes vozes e textos que nele ressoam. Enquanto sujeitos, estamos a todo momento fazendo uso da linguagem para construir e modificar nossa realidade. Para a AD, linguagem e exterioridade formam um elo na produção de sentidos, de significações e é através da linguagem que o sujeito se deixa significar. É por essa relação com a exterioridade que se introduz o caráter de incompletude da linguagem.

Considerando as várias modificações pelas quais os Contos de Fadas passaram ao longo do tempo, podemos verificar nessas narrativas esse caráter de incompletude que característico da linguagem, se estende ao texto. Na AD o texto é tomado como

material simbólico porque “[...] são várias as linguagens possíveis, porque a linguagem se liga necessariamente ao silêncio, porque o sentido é uma questão aberta, porque o texto é multidirecional [...]” (ORLANDI, 1996, p. 18). O sentido do texto sempre pode ser outro pois nunca está posto nele mesmo, considerando-se que o texto constitui-se como a materialidade através da qual os discursos são veiculados. Nesse sentido, a leitura na AD é tomada como um acontecimento discursivo, em que várias vozes se entrelaçam através dos discursos.

A leitura, nessa perspectiva teórica insere-se num contexto social, político, ideológico e histórico por meio do qual o sujeito através de sua formação discursiva² realiza um gesto de interpretação, que se constitui como o ato subjetivo do sujeito, sua relação com a exterioridade. Aqui a leitura é tida como um “efeito de sentido entre locutores.” (ORLANDI, 1996, p.42). Não se pode tomar aqui a leitura como um ato mecânico que se realiza diante de um texto que apresenta unidade, acabamento e completude, pois a leitura, concebida discursivamente é um processo contínuo, que considera as condições de produção, a historicidade, as várias possibilidades, etc. O que interessa para a AD é “como um texto organiza a relação da língua com a história no trabalho significativo do sujeito em sua relação com o mundo. É dessa natureza sua unidade: linguístico-histórica.” (ORLANDI, 2012, p. 69).

Podemos considerar o trabalho do sujeito-autor, também como um trabalho de leitura, já que este estabelece uma relação de sentidos entre os discursos apreendidos e a produção de novos discursos. É um diálogo entre o já-dito e o que vai se dizer. Podemos exemplificar a afirmação tomando como referência o filme que vamos analisar e que foi produzido a partir de um conto de fadas clássico. Apesar de se constituírem como histórias diferentes, vemos marcas do clássico refletidas no moderno, pois deve-se considerar que há

² A formação discursiva (FD) se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito.

[...] em todo texto a presença de um outro texto necessariamente excluído dele mas que o constitui. Não havendo univocidade entre pensamento/mundo e linguagem, haverá sempre o espaço da interpretação e do equívoco. ORLANDI, 1996, p. 138)

As diferentes versões dos contos ao longo dos anos representam um reflexo da vida em sociedade e é necessário o diálogo entre o dado e o novo para que produzam sentidos. A tarefa de adaptação faz-se necessária com o passar do tempo. Até mesmo os Grimm que de certa forma introduziram Branca de Neve em nosso contexto literário, assim como outros inúmeros contos mundialmente conhecidos, precisaram moldar as histórias com que tiveram contato para inserí-las no contexto da época.

Segundo Warner

[...] os Grimm alteraram as versões anteriores que haviam anotado, em que a mãe de Branca de Neve sofria de um assassino ciúme da filha e a perseguia. A edição de 1819 é a primeira a introduzir uma madrasta no lugar dela; o manuscrito e as edições de 1810 e 1812 situam a mãe natural de Branca de Neve como o pivô do violento enredo, mas este foi alterado para que uma mãe não fosse mostrada atormentando a filha. (WARNER, 1999. p. 243)

A partir dessas considerações, podemos estabelecer uma relação da função-autor com um dos fundamentos da AD que diz que cada sujeito produz seus discursos a partir do que pode e deve ser dito a partir de sua formação discursiva (FD). O autor é para Foucault (1996), o princípio de agrupamento do discurso, o foco de sua coerência. Ele é responsável por veicular discursos em uma sociedade e por disseminar as vontades de verdade que se fazem presentes em nossa formação social. Sobre isso, Gregolin (2003) constata que: “A “função-autor” é, assim, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento dos discursos no interior de uma sociedade” (GREGOLIN, 2003, p. 49). As reatualizações nos mostram como os dizeres se inserem na história mudando ao longo do tempo e denunciando as “verdades” típicas de cada época.

No conto clássico “Branca de Neve e os sete anões”, a princesa perde a mãe logo quando criança e passa a ser constantemente humilhada pela madrasta. Sofre

perseguições dela e até tentativa de morte mas não consegue se defender de nada. É uma moça que precisa da ajuda da figura masculina (o príncipe) para se safar do perigo. No filme “Branca de Neve e o caçador” há a resignificação desse lugar de mulher submissa para um lugar de mulher corajosa e independente revelando os discursos da sociedade pós-moderna acerca do sujeito mulher. A nova configuração do sujeito-mulher é uma “verdade” de nossa época, considerando que “a Verdade é uma e várias, a cada época sua verdade”. (FOUCAULT *apud* Veyne, 2011, p. 151). A produção dos discursos está condicionada às relações de saber, poder e verdade existentes em determinado contexto sócio-histórico, pois como afirma Paul Veyne (2011) o discurso é sustentado por classes sociais, interesses econômicos, normas, instituições e regulamentações.

Os contos de fadas tem esse poder de disseminar “nossas verdades” e por isso constituem-se como narrativas tão importantes para retratar a sociedade.

METODOLOGIA

Nossa pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa descritiva de natureza interpretativa e apoia-se nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso de linha francesa, principalmente nos estudos foucaultianos que discutem a relação poder/saber/verdade.

Em nossa pesquisa, propomos uma leitura discursiva da reatualização fílmica do conto de fadas *Branca de Neve e o caçador*, de Rupert Sanders (2012), com o objetivo de verificar o poder dessas histórias de disseminar os valores e os costumes, principalmente do sujeito mulher, presentes em nossa formação social.

Os procedimentos de análise fundamentaram-se nas teorias estudadas. A análise do filme foi feita a partir da comparação dos discursos relacionados ao sujeito mulher tanto na reatualização como no texto clássico, a fim de facilitar a comparação entre as narrativas.

ANÁLISE DO FILME: BRANCA DE NEVE E O CAÇADOR

Os contos de Fadas constituem-se a partir de uma trama conflituosa entre seres fantásticos, que reforçam a oposição entre o bem e o mal, entre personagens sustentados por uma identidade que os define e os tornam inconfundíveis. Branca de Neve é uma das personagens mais reconhecidas no mundo e nesse trabalho vamos analisar a reatualização “Branca de Neve e o caçador” associando-o ao conto clássico “Branca de Neve” dos Irmãos Grimm retratado por Tatar (2004).

O filme “Branca de Neve e o Caçador” é uma intrigante reatualização do conto de fadas “Branca e Neve e os Sete Anões”, como o próprio título sugere. No filme, vários vestígios do conto clássico, como por exemplo: a morte prematura da mãe de Branca de Neve; a solidão e amargura do rei que casa-se novamente com uma mulher que é malvada e possuidora de um espelho mágico; a fuga de Branca de Neve quando sabe que a rainha quer matá-la; a perseguição do caçador para matar e entregar o coração da jovem princesa à malvada rainha; a relação amigável entre Branca de Neve os anões, que nesta narrativa são oito e não sete. Entretanto, sob as marcas do clássico, “novas” marcas. O filme é tecido por outros espaços do dizer, vestígios de um novo tecido vai sendo bordado.

Na materialidade fílmica, a reatualização do conto clássico, a mãe da Branca de Neve morre e o rei conhece Ravena, uma bruxa malvada que consegue conquistá-lo através de sua beleza. Assim como no conto clássico, a beleza é imprescindível ao lugar de rainha, de princesa. O belo é determinante, tanto o é que rei casa-se com Ravena não por que fosse bondosa ou leal, ou porque seria uma boa mãe para Branca de Neve, mas por ser bela. A beleza seria sua maior virtude. A beleza como uma grande virtude é uma vontade de verdade que sempre está presente nos contos de fadas assim como em sua várias reatualizações. No conto dos Grimm, por exemplo, podemos verificar o poder da beleza de Branca de Neve capaz de fazer com que o caçador desista de matá-la a mando da rainha, vejamos:

O caçador obedeceu e levou a menina para a mata, mas no momento exato em que estava puxando sua faca de caça e prestes a mirar seu coração inocente, ela começou a chorar e a suplicar: “Misericórdia, meu bom caçador, poupe minha vida. Prometo correr para dentro da mata e nunca mais voltar.” Branca de Neve era tão bonita que o caçador teve pena dela e disse: “Então vá, fuja, pobre criança!” (TATAR, 2004, p. 88)

Na reatualização, na noite de núpcias, a bela Ravena assassina o rei com uma facada no peito, revelando-se uma bruxa malvada e gananciosa. Depois disso passa a governar o Reino juntamente com seu irmão, com o qual mantem uma relação incestuosa, algo que vai de encontro ao enredo do hipotexo. Ao ver seu pai assassinado, Branca de Neve tenta fugir com seu amigo William, filho do Duque Reimond que era amigo do rei, mas é trancada pela rainha Ravena na torre mais alta. Nesse momento, é possível verificar um diálogo com o conto de fadas “Rapunzel”, em que a bela princesa também encarcerada na torre mais alta. Lá, A pequena Branca de Neve fica por muitos anos sem receber notícias do seu povo. Torna-se uma linda jovem. Ravena, assim como a rainha do conto clássico, é obcecada pela beleza e pelo poder e fica furiosa quando seu espelho diz que a Branca de Neve é mais bonita que ela, porém o espelho diz que se Branca de Neve permanecer viva o poder da rainha irá acabar. Para que ela possa permanecer poderosa, jovem e bonita para sempre é preciso que coma o coração da bela Branca de Neve. A rainha pede para que seu irmão leve a princesa até ela, mas a princesa ao perceber que vai ser morta consegue fugir. A rainha fica furiosa e pede para que encontrem um caçador para procurar a moça e matá-la em troca de falsas promessas. Como no conto clássico, o caçador não mata a princesa, mas não por compaixão, mas porque percebe que as recompensas prometidas pela rainha são falsas. Vemos que alguns valores do conto clássico não estão tão presentes.

Diferentemente do hipotexto, o caçador começa a se encantar pelo jeito meigo e doce da princesa e decide ajudá-la a encontrar seu povo e a reconquistar o reino perdido. Para isso, ela conta também com a ajuda dos anões e com a ajuda de todas as

peessoas que se sentem prejudicadas por toda a desgraça que o reinado de Ravena trouxe. Nessa materialidade fílmica o príncipe é substituído pelo caçador e a Branca de Neve não ocupa o lugar de uma princesa indefesa, mas um sujeito diligente que luta por seus ideais. Há uma ressignificação do sujeito-mulher-princesa.

As características de Branca de Neve diferem daquela que nos são apresentadas no conto clássico. Embora ela permaneça doce, meiga, generosa, bela, não é uma moça frágil e indefesa, pelo contrário, mostra-se guerreira, decidida e muito determinada. Ela aprende a lutar com o caçador e torna-se uma jovem ainda mais corajosa. Essa identidade de sujeito-mulher que é capaz de lutar por seu destino, de mulher ativa, diligente evidencia que as identidades são produtos de interesse de uma época, de uma cultura, de uma formação social.

Como no conto infantil, a rainha se disfarça para envenenar a princesa com uma maçã, desta vez não se disfarça de velha, mas aparece para a princesa na pele de seu amigo William. A princesa morre, mas retorna a vida quando recebe um beijo do caçador Eric, porém os dois desconhecem a causa do ressurgimento da princesa.

Quando isso acontece, a princesa decide destruir Ravena e reconquistar seu Reino juntamente com o caçador, os anões e todo um batalhão que decide lhe seguir. As vontades de verdade presentes no conto evidenciam outras identificações de sujeitos. O sujeito-mulher-princesa não é mais aquele que aceita passivamente sua sorte.

A nova heroína da reatualização do conto de fadas, embora ainda precise do homem (caçador/príncipe) decide ser responsável por suas conquistas.

A versão do conto infantil mostra-nos mulheres (Branca de Neve e Ravena) determinadas a conquistarem um lugar de poder – independente do mal ou do bem que promovam - para exercerem influência na sociedade. São mulheres fortes, de características marcantes. Um ponto importante que vale ser ressaltado é o modo como Ravena enxerga o homem, na noite de núpcias, ela diz que os homens usam as mulheres, levam-lhes à ruína e depois as descartam.

A figura do homem retratada no filme é ao mesmo tempo o homem guerreiro, representado por Eric, o caçador; e o homem submisso representado por todos os que servem à rainha, inclusive seu irmão.

No fim do filme, Branca de Neve finalmente consegue matar a rainha e conquistar seu Reino de volta. Um aspecto que é muito importante quando comparamos o fim do filme com o fim do conto clássico é que a princesa, no filme, não se casa com seu príncipe e vivem felizes para sempre. Ela termina a história sem um companheiro, e o caçador, que aparentemente seria seu príncipe, termina como apenas um dos muitos servos da Branca de Neve.

A história que tem um enredo mais moderno denuncia as vontades de verdade de nossos dias atuais, de que nem sempre a princesa e o mocinho vivem felizes para sempre, eles podem nem mesmo terminarem juntos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise do filme “Branca de Neve e o caçador” pudemos reafirmar o lugar de importância dos Contos de Fadas em nossa sociedade. São narrativas que atravessaram séculos e desde os tempos em que eram contadas oralmente até hoje, com as versões escritas e fílmicas, conseguem manter esse caráter de magia e encantamento tão próprios dessas histórias. A constante luta do bem contra o mal, a busca do poder, a luta por interesses, os desejos, as ambições, os medos refletem a realidade em que estamos inseridos e sempre estão presentes nessas histórias desenvolvendo a trama da maneira mais emocionante.

Branca de Neve é um dos contos mais conhecidos do mundo e ainda hoje continua a ser divulgado por meio de desenhos (a exemplo da Walt Disney) e livros em suas versões mais clássicas, assim como em versões fílmicas reatualizadas a exemplo de “Deu a louca na Branca de Neve” de Steven Gordon, 2009. Com a influência que a historicidade exerce sobre a veiculação dos discursos, novas sujeitos vão sendo criados: a menina antes indefesa, prendada nos serviços domésticos, inocente e

obediente, agora é moldada a partir dos discursos que perduram na pós-modernidade da mulher guerreira, inteligente e astuta. O sujeito-autor precisa configurar os discursos por ele disseminados às “verdades” do nosso tempo para que a obra produzida por ele desperte interesse no público-leitor.

De qualquer forma, sejam em suas versões mais clássicas ou mais atualizadas, os contos de fadas sempre despertaram o interesse da sociedade por refletirem nossa vida e nossa realidade ligadas à magia e aos encantamentos de um mundo de sonhos e fantasias e fazem nossa imaginação alcançar o impossível.

REFERÊNCIAS

- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo, Loyola, 1996.
- GREGOLIN, M.R. e BARONAS, R. (org.) *Análise do Discurso: as materialidades do sentido*. São Carlos – SP: Claraluz, 2003.
- ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 10ªed. Campinas – SP: Pontes, 2012.
- ORLANDI, Eni. *Interpretação: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- TATAR, Maria. *Contos de fadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- VEYNE, Paul. *Foucault, seu pensamento, sua pessoa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- WARNER, Marina. *Da fera à loira; sobre contos de fadas e seus narradores*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- WITZEL, Denise Gabriel. *Práticas discursivas, Redes de Memória e Identidades do Feminino: Entre princesas bruxas e lobos no universo publicitário*. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa), Universidade Estadual Paulista/Faculdade de Ciências e Letras/UNESP-Araraquara. 2011. 217p.